



Se a pensar estou...

... aguarda o Diário meu escrever!

If i'm thinking...

... awaits my Diary to write!

Rafaela Engers Günzel (rafaela.gunzel@gmail.com)
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

“Tenho a vontade de escrever e necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está em meu peito. O papel tem mais paciência do que as pessoas. Pensei nesse ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se ficaria ou se sairia. Finalmente fiquei onde estava, matutando. É, o papel tem mais paciência, e como estou planejando que ninguém mais leia esse caderno de capa dura que geralmente chamamos de diário, a não ser que algum dia encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença. Agora estou de volta ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo”.

O Diário de Anne Frank.

Resumo: O relato aqui apresentado é parte do desafio de escrever. A escrita tem me possibilitado inúmeras experiências, e por meio do registro em diários tenho a oportunidade de rever minha própria formação docente e compreendê-la. Dentro de uma perspectiva narrativa, os diários são potentes instrumentos de documentação. Assim, busquei neste trabalho, desenvolver um pouco da ideia do que são esses diários, como eles atravessam-se em minha caminhada formativa e porque os utilizo. Com a mobilização do ato de escrever, procurei romper um pouco o formato acadêmico de escrita trazendo um relato-diário, no qual, apresento algumas ideias teóricas que vão delinear o percurso narrativo.

Palavras-chave: Narrativa; Experiência, Formação de Professores; Ensino de Ciências.

Abstract: The account presented here is part of the challenge of writing. Writing has enabled me to countless experiences and through journaling, I have the opportunity to review my own teacher training and understand it. Within a narrative perspective, the

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



diaries are powerful documentation tools. So, I tried in this work, to develop a little of the idea of what these diaries are, how they cross in my formative walk and why I use them. With the mobilization of the act of writing I tried to break the academic format of writing a little, bringing a daily report, in which I present some theoretical ideas that will outline the narrative path.

Keywords: Narrative; Experience; Teacher Training; Science Teaching.

Palavras iniciais...

Saudações, caro leitor! Imagino que esteja questionando-se ou irá fazê-lo quando passar os olhos pelo texto: Que tipo de relato é esse? Onde está o contexto? Cadê o detalhamento das atividades? E a análise dos resultados? Não tem Conclusão? Que fonte de letra é essa, que não é Arial e nem Times New Roman? Não segue o template! Se você estiver inquieto e com muitos questionamentos, então posso dizer que atingi com sucesso uma das minhas intenções nessa escrita. Mesmo imaginando que você irá se perguntar os motivos que me levam a realizar a escrita de um relato de experiência num modelo nada convencional aos olhos da academia, não irei responder agora. Revelo apenas, que, penso que possam haver outras formas de escrita e leitura neste universo acadêmico que nos encontramos imersos. Sinta-se bem-vindo para ler este relato e viver a experiência de adentrar um Diário.

Revista Insignare Scientia

Novembro de 2019

Muitos motivos levam as pessoas a escrita de Diários. O meu? Bem, foi à graduação. Quando criança/adolescente nunca tive um Diário, tinha medo de escrever meus pensamentos e alguém ler. Mas na graduação era diferente, o propósito era formativo, para professores em formação inicial. Essa experiência com o Diário é um dos fatores que me trouxe onde estou hoje: na Pós-Graduação. Na dissertação de mestrado que estou a construir, os Diários se constituíram como meu campo de dados. É por isso que meu tema para a edição do Encontro sobre Investigação na Escola (EIE) de 2020 são os Diários. Quero com a escolha dessa temática, sistematizar meus pensamentos sobre esse instrumento quando utilizado para a formação docente, e para tal, vou contar algumas de minhas experiências e estudos sobre o Diário. Escrevo meu

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



relato em forma de Diário, com cada escrita/experiência em uma data... não está exatamente em ordem cronológica, pois este contar é um resgate!

Agosto de 2014

Quando entrei no projeto PETCiências (Programa de Educação Tutorial) no início do segundo semestre do curso de Química Licenciatura, o Diário veio com uma proposta: formativa e com o intuito de ser lido por outra pessoa. E assim foi, durante os próximos 4 anos que passaria na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Cerro Largo. Eu escrevia o Diário contando sobre as atividades e ações que vinha desenvolvendo, os eventos que participava, aulas de acompanhamento e também aquelas que ministrava, o andamento da pesquisa, as pautas das reuniões, assuntos discutidos nos cursos de formação, oficinas e palestras... Enfim, os registros são referente a tudo aquilo que sentia necessidade de narrar, de registrar, inclusive conflitos e pontos de melhoramento do grupo, pois era uma via de comunicação com o tutor (professor formador) que lia todo semestre os Diários de seus bolsistas para estar informado das atividades e avanços formativos de cada um... o tutor do PETCiências era nosso leitor. Ele fazia a leitura e intervia com provocações que me faziam pensar mais sobre o escrito, sobre as teorias da educação e da formação de professores. Foi assim que meu Diário passou de uma escrita descritiva, para uma escrita onde eu expressava minhas opiniões. Esse Diário que se constituía como um instrumento sistematizador para o registro das ações no projeto PETCiências, era chamado por nós de Diário de Bordo e estava proposto principalmente na teorização do professor reflexivo de Pórlan e Martín.

Março de 2019

Contando um pouco mais da minha história com Diários, compartilho a ideia de Diário segundo os pressupostos dos autores argentinos Rafael Pórlan e José Martín, que caracterizam a escrita em Diário como um modo de reflexão na e sobre a prática docente, com a escrita das experiências da sala de aula, do cotidiano da escola, do Diário como um instrumento individual ou coletivo. Escrever um Diário permite ao

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



professor refletir sobre sua própria prática e sobre os aspectos mais significativos da sua sala de aula, sempre em busca de aprimorá-la se necessário. É um processo que possibilita a qualificação e a reconstituição do professor. Podemos compreender o Diário com eles, como sendo "um guia de reflexão sobre a prática, favorecendo a tomada de consciência do professor sobre seu processo de evolução e sobre seus modelos de referência" (p.19/20). Podemos também pensar na importância desse Diário com Miguel Zabalza, que afirma que com o Diário costuma ficar claro, nas entrelinhas, os dilemas que mais nos perturbam, quais e como construímos mecanismos para resolver esses dilemas.

PÓRLAN, Rafael; MARTÍN, José. **El diário del profesor: um recurso para investigación em el aula.** Diada: Sevilla, 1997.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

Novembro de 2020

O Diário de Bordo que mencionei em narrativa anterior, faz parte da minha história formativa. Na dissertação de mestrado busquei compreender como esse instrumento potencializa uma docência ambiental na formação inicial de professores no coletivo PETCiências, sendo a temática do grupo “Meio Ambiente e Formação de Professores”. A escrita deixa que as singularidades e subjetividades emergem, permitindo aprender com elas e com as experiências narradas, assim, percebo que o Diário possui relações discursivas com o interlocutor e com o leitor presente. Esse movimento de registro, de deixar as narrativas documentados nos Diários de Bordo, possibilitou que eu fizesse uma releitura das escritas e viesse a compreender e ampliar o olhar sobre minha própria história formativa e as questões que envolvem a mim e ao grupo PETCiências (GÜNZEL). Reconheço a importância de coletivos de formação, em que professores possam se reunir, partilhar experiências e desenvolver a escrita. Nesse sentido, aproveito para mencionar o editorial de uma das edições da RIS, que apresenta um conjunto de relatos de experiências escritas por professores em formação inicial e continuada, muitos deles abordando o Diário como instrumento de sistematização da

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



escrita, reflexão e formação (WENZEL, 2019). Menciono esse dossiê pelo movimento de autoria que ele proporciona aos professores.

GÜNZEL, Rafaela Engers. **Educação Ambiental nos Diários de Bordo**: retratos da formação inicial de professores no PETCiências. 2020. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Rio Grande, 2020.

WENZEL, Judite. Editorial. **Revista Insignare Scientia** – RIS, v.2, n.3, nov. 2019.

Maio de 2019

Muitos são os tipos de Diário, eles podem receber diferentes nomes, atribuídos a sua função maior: Diário íntimo ou pessoal, de viagem, filosófico, de pesquisa, de formação, de bordo, dos momentos, de aula, entre muitos outros (HESS, 2006). O Diário, assim é um instrumento com uma redação não-científica ou acadêmica, podendo ser entendido como uma técnica potente para compor os dados empíricos de uma pesquisa narrativa. A releitura de Diários é um modo de reflexão sobre a prática educativa. Nesse sentido, explico porque decidi manter na minha dissertação o nome Diário de Bordo e não outro. Hess (2006) faz uma descrição sobre os diversos nomes e intencionalidades das mais variadas formas de Diários. O autor elenca que esse o Diário de Bordo é referência do Diário escrito em viagens de navios, onde registravam-se todo o vivido de um grupo, e esse Diário era destinado a ser lido por outros. O Diário de certa forma é uma pesquisa individual e ao mesmo tempo coletiva, compõe uma ponte para trabalhar a congruência entre teoria e prática. Os Diários de Bordo do PETCiências tem a intencionalidade de serem lidos por alguém, num primeiro momento o tutor. São Diários construídos individualmente, mas, partindo das experiências vividas no coletivo, vividas com o outro. Temos uma embarcação onde a rota traçada é a formação de professores, e “a linguagem não é o resultado da individualidade, mas, sim, ela constrói a subjetividade do indivíduo de modos historicamente e localmente específicos” (RICHARDSON, 2018, p. 547).

RICHARDSON, Laurel. Novas práticas de escrita em pesquisa qualitativas. **Urdimento**, v. 2, n. 32, p. 542-561, set. de 2018. Disponível em: <

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018542>

>. Acesso em: 08 de maio de 2019.

HESS, R. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, E.C.; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Orgs.) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.89-103.

Setembro de 2019

Ao investigar, é inevitável estudar autores que falam de Diários, assim vou lendo os que surgem. Iniciei a leitura de um livro de Joaquim Barbosa e Remi Hess, cujo título me atraiu por constar “Diário de pesquisa”. Adentrando o livro sinto-me enganada. Pois o autor (Joaquim) adota e defende o uso do termo “jornal de pesquisa” ao invés de Diário, por apontar (e aqui tem argumentos de tradução também) que o Diário tem que manter suas dimensões originais: de escrita íntima e pessoal, enquanto o jornal seria a dimensão pública, do uso dessas escritas como instrumento de comunicação com o público. O autor ainda aponta que o Diário serve para registros aleatórios do dia a dia, “com certa tentativa de compreensão de si por parte de quem escreve”. Mas ora, se colocamos intencionalidade/finalidade para nossa escrita no Diário, ele possuindo objetivo prévio, ainda assim é um Diário, mesmo tendo características do que ele chama de jornal. As intencionalidades do “jornal de pesquisa” são opcionais, como o uso do Diário para compor relatos de experiências. Creio que o Diário é, para nós professores, muito mais que um caderno de registros aleatórios, ou de escrita íntima e pessoal. Ele é instrumento de investigação.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liberlivro, 2010. 103p.

Julho de 2019

Anna Rachel Machado é outra teórica que encontrei falando de Diários, no caso da autora, principalmente os Diários de leitura. Para ela, a produção do Diário não é simplesmente a expressão do que se pensa, mas é uma forma de descoberta dos próprios pensamentos, o Diário se faz como um instrumento de pesquisa interna – mais uma vez

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



aponto a autodescoberta. Em nossa escrita, Anna ressalta que temos a função de assumir diferentes funções dialógicas, por isso, resgato aqui o dito por Mário Osorio sobre a interlocução com várias vozes quando escrevemos. O Diário, não tem restrições estéticas e por isso permite elaborações diferentes, o que faz dele um receptáculo para diferentes tipos de escrita. Assim, o Diário não impõe limites para a liberdade de nossas escritas: poemas, narrativas, músicas, desenhos... tudo é bem-vindo, desde que tenha sentido para aquele que escreve. Ao escrever sobre nós mesmos, racionalizamos a vivência ao descrevê-la e reconstruímos a experiência. Digo por experiência própria, que a escrita reflexiva do Diário é processual e leva tempo. Quando iniciamos as primeiras escritas no nosso Diário é comum realizarmos descrições sobre as vivências, e com o passar do tempo, vamos nos tornando mais críticos e passamos a refletir já quando escrevemos. Não é simples o movimento de escrever, tampouco, de manter o Diário. Escrever um Diário, apesar de compreender a importância dele na minha (auto)formação, demanda hábito, e mais uma vez, tempo. Acontece de acabarmos esquecendo-se de escrever o Diário na correria do nosso dia. Precisamos tentar e nos esforçar para mantê-lo, mas se acaso esquecermos algumas vezes, não podemos nos martirizar. O que podemos fazer é voltar a escrever nossas experiências, seguindo esse itinerário narrativo e reflexivo que os Diários proporcionam.

MACHADO, Anna Rachel. **O Diário de Leituras: a introdução de um novo instrumento na escola.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Abril de 2019

Em outros tempos, na adolescência, ou até mesmo na vida adulta, era comum – principalmente as mulheres – escreverem em Diários chamados de Diários pessoais. Muitas pessoas, por medo de que esses Diários fossem lidos, não os escreviam. Em algumas épocas conturbadas, é compreensível, não é mesmo? A prática da “não escrita” foi e vem se tornando cada vez mais comum, temos uma enorme dificuldade para falar de nós mesmos e de expressar nossos sentimentos. Eu acredito nunca ter escrito um Diário na adolescência pelo medo de que alguém fosse ler e pela falta do hábito da

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



escrita. É difícil escrever pensando em possíveis leitores, nos julgamentos que podemos vir a ter, pois dos muitos Diários que li, o dono do Diário transparece nele muito além de histórias e fatos marcantes: há impressão dos sentimentos. Um dos primeiros Diários que li, foi o clássico Diário de Anne Frank, que escreve durante a Segunda Guerra Mundial. Independente da finalidade – que pode ser pessoal, formativa, de registro, etc – o Diário é um caderno que possibilita a conversa com nós mesmos, mesmo quando o intuito é ser lido por outros, como é o caso de grupos de formação. É nesse caderno que podemos refletir sobre nossas ações, nossos sentimentos, contar sobre nós, sobre nossas experiências, sobre as histórias que vivemos. Por isso questiono: quais as finalidades de um Diário no processo formativo de professores? Com essa pergunta, vou olhar um pouco para o Cirandar, que é um processo de formação continuada de professores realizado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e o qual tenho participado desde 2018. Chamados de cirandeiros, os professores são convidados a escrever sobre suas práticas em salas de aula, suas experiências docentes e de suas pesquisas, no caso dos pós-graduandos. Para esse movimento de pensar e registrar vivências de sua temática, os cirandeiros têm junto de si um caderninho para chamar de Diário. Esses registros do Diário, ajudam o cirandeiro na sistematização e composição de seu relato de experiência, passando o Diário a ter um papel muito importante e indo além do narrar: ele se torna instrumento de documentação, reflexão e experiência.

Outubro de 2019

Retomando o questionamento de abril, sobre o caderninho que os cirandeiros são orientados a manter no processo de formação do Cirandar, sendo membro da comissão organizadora do evento, curiosa, decidi fazer um levantamento de dados. Parti da questão: Como os cirandeiros chamam os seus cadernos? Minha intenção era ver qual a relação de cada um com esse caderno, e para isso, fui até os arquivos do Cirandar na sala do Ceamecim e olhei um a um. O resultado dessa investigação foi muito interessante... e me deixou mais inquieta. Isso porque o nome atribuído pode muitas vezes expor a relação que temos com esse caderno... e logo, na funcionalidade dele. Encontrei 300 Diários, somadas todas as edições do Cirandar (2012 até 2018). Montei um quadro com o nome atribuído ao caderno e a quantificação dos mesmos.

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



Quadro 1 – Nome atribuído ao caderno e quantificação para cada um.

Nome dado ao caderno	Qtd	Nome dado ao caderno	Qtd
Cirandar	119	Caderninho	1
Diário de campo	33	Relatos	7
Diário de bordo	10	Portfólio	1
Diário	25	PIBID espanhol	1
Diário de Professor	1	PIBID matemática	1
Não menciona	88	Pacto e cirandar	1
Caderno para/de registros nome	3	Diário de acompanhamento do pacto	1
Seminário integrado	1	Projeto de pesquisa	1
Caderno da família	1	Minhas reflexões	1
Relatório	1	Minhas escritas	1
Diário reflexivo	1	Diário de aula	1

Ressalto que todos os cirandeiros tem relação com a docência, são professores da educação básica e do ensino superior, gestores, pós-graduandos, professores em formação inicial – ou seja, uma diversidade de experiências. Olhando o quadro, são muitos os participantes que apenas identificam o caderno como sendo do Cirandar ou nem mesmo dá um nome a ele. Outro questionamento emerge: Qual a relação de afetividade que os cirandeiros têm com seus cadernos? Afinal, a proposta é que ele seja um instrumento que possibilite a sistematização de ideias para compor nossos relatos de experiência. É um espaço de papel para escrever e pensar. Ou como nos diz Anne Frank no prefácio que abre o meu diário-relato: ele é um amigo. Então, como estamos chamando nosso amigo? O que estamos contando a ele? Existe um nome certo? Questionamentos para seguir pensando...

Dezembro de 2020

Escrever me traz a possibilidade de registrar as experiências vividas, as quais, posso ter a intencionalidade de compreender numa releitura, refletir, interpretar e

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



compor sentidos. Como pesquisadora, assumo a perspectiva da investigação narrativa (auto)biográfica como caminho para tecer tais compreensões e (re)significar as experiências vividas. Clandinin e Connelly (2015) reconhecem a importância e a centralidade de narrar as próprias experiências e de documentar essas narrativas. A investigação narrativa (auto)biográfica possibilita construir caminhos para pensar sobre as experiências vividas, sendo a narrativa uma metodologia de investigação e prática formativa, com dimensões indispensáveis, como: a intencionalidade da reflexão, a construção identitária, questões de âmbito social, político, cultural, pedagógico e epistemológico (ABRAHÃO, 2016; PASSEGI, SOUZA, 2017; SUÁREZ, 2017). Compreendo que as experiências só são possíveis com a interferência de outros, que me perturbam, me fazem pensar, para que assim a experiência possa vibrar, tocar e significar (LARROSA, 2007). No processo das escritas narrativas, nos Diários e neste relato por exemplo, me torno protagonista e investigadora das minhas próprias experiências nos espaços formativos.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto) biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. In.: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (org.). **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016. P. 29-50.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementinho de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Revista Investigacion Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Relatar la Experiencia Docente: La documentación narrativa del mundo escolar. **Revista Teias**, v. 18, n. 50, p. 193-209, Jul/Set de 2017.

Fevereiro de 2020

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



Relendo as escritas que reuni para este diário-relato que estou propondo para o EIE, percebo que trouxe um pouco de mim, das minhas leituras, das inquietudes e das investigações que realizei. Poderia ter dado sequência na investigação e trazido teóricos, conceitos e teorias para tentar responder a todos os questionamentos que realizei no decorrer destas escritas. Mas minha intenção é outra. Quero deixar os questionamentos sem respostas para que os próximos leitores deste relato-diário tentem responder para si mesmas. Creio que as experiências que cada um carrega influencia na escolha de um nome ou não para o Diário. O ato de escrever em um Diário é algo muito individual, cada um de nós cria uma relação muito particular com esse ato. Com essa conclusão, deixo este meu Diário aberto, à leitura de outros...

Palavras finais ao leitor deste Diário...

Obrigada por ser meu segundo leitor. Sim, pois segundo Mario Osório Marques, o primeiro leitor é aquele que escreve. O relato não está num formato convencional acadêmico, parte disso se deve ao desafio que me coloco ao estudar o campo da Investigação Narrativa (Auto)Biográfica, e a outra parte ao fato de estudar e escrever Diários como modo de qualificar minha formação docente. Essa é a resposta a um potencial questionamento inicial sobre os motivos que me levaram a escrever o relato desta forma. Gostaria de me colocar mais nesse caminho de pensar formas diferentes de escrever e de apresentar as escritas, vi neste evento do EIE uma oportunidade para isso. As contribuições da Web-Roda que integrei no EIE foram muito bem-vindas ao diálogo. Tanto que se observar as datas das narrativas, que não seguem uma cronologia, perceberá que há narrativas posteriores a data de envio deste relato ao evento. Isso foi possível com as sugestões dos meus pares de leitura durante a realização do evento. Apesar de subverter em certa medida a ideia de modelo de relato/template, mantive algumas normas, para não descaracterizar o relato e ao mesmo tempo atingir a intenção de partilhar uma experiência outra. Pela ideia de apresentar o relato em formato de Diário, o resumo, as palavras-chave e suas traduções se tornariam esteticamente desnecessárias. Porém, compreendo a importância disso em âmbito de publicização e respeito essa necessidade. As referências também respeitam a formatação acadêmica, porém as vou inserindo em cada narrativa, na medida em que são trazidas ao diálogo.

Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020



Compor este relato de experiência foi para mim, o que a escrita sempre é: uma aventura. E, diferente do prefácio em que Anne Frank diz escrever porque não tem um amigo, escrevo porque quero compartilhar minhas experiências com muitos amigos. Escrevo para pensar e qualificar minha formação. Também escrevo, como modo de resistência e subversão. Sendo assim, encerro este relato-diário com uma última inquietação, para ti leitor:

Para que escreves?

Escrita

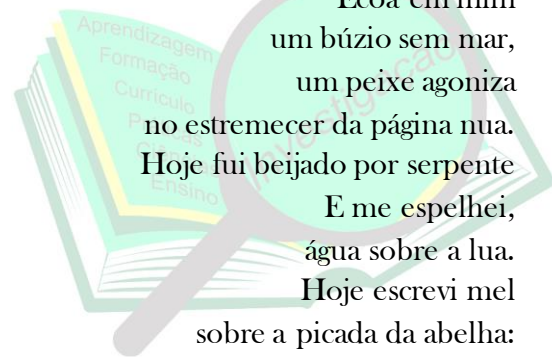
Mia Couto

Tenho fome de um nome
e procuro-o para além dos idiomas
como garimpeiro de vozes
esgravatando um chão de silêncios.

Ecoa em mim
um búzio sem mar,
um peixe agoniza
no estremecer da página nua.

Hoje fui beijado por serpente
E me espelhei,
água sobre a lua.

Hoje escrevi mel
sobre a picada da abelha:
isso a que outros chamam poesia.



Recebido em: 30 /04/ 2020

Aceito em: 19/11/2020